



TORNA-ME Tua

Melanie Harlow

TOP
SEL
LER

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY E DA AMAZON

Quero comer panquecas ao jantar
Quero ficar presa na tua cabeça
Quero ver um programa de TV contigo
e quando estivermos deprimidos podemos vê-lo na cama

Por isso, por favor, guarda todas as perguntas para
o fim e talvez nessa altura eu já seja corajosa o suficiente
Bem, talvez eu nunca venha a dizer o que me vai na cabeça

Não, não tenho de dizer nada.

Tu di-lo-ás por mim.

Lizzie McAlpine

Um

Cole

— **V**ais assim vestido? — A Mariah, a minha filha de 9 anos, examinou-me da porta do quarto, torcendo o nariz. Avaliei o meu reflexo no espelho por cima da cómoda.

— Sim. Qual é o problema?

— É uma roupa chata. Pensei que ias a uma festa.

— Vou só encontrar-me com os amigos no *pub*. — Franzi o nariz para o polo verde-seco que tinha escolhido por ser o primeiro da pilha de roupa na minha gaveta. O que é que tinha de errado? Ou o problema eram as calças caqui?

A Mariah entrou no quarto e atirou-se para cima da minha cama, com o queixo apoiado nas mãos.

— Mas é uma festa, não é? Uma festa de despedida de solteiro para o tio Griffin?

— Sim. — As despedidas de solteiro não eram a minha atividade favorita, mas eu e o Griffin Dempsey crescemos porta com porta e somos melhores amigos desde tenra idade. Ele tinha casamento marcado para dali a duas semanas e eu era o padrinho. Por outras palavras, esta noite eu não tinha como escapar.

— Afinal o que é um solteiro? — perguntou a Mariah.

— É um tipo que não é casado. — Cocei o queixo. Talvez o cinto fosse o errado. Desafivelei-o, decidido a trocá-lo por um de couro, de um castanho mais escuro.

— Tu és solteiro?

— Não.

— Mas não és casado.

— Já *fui*.

— Mas não és divorciado. Há um nome para o que tu és?

— Viúvo — disse, passando o novo cinto pelas presilhas.

— Isso soa a homem velho.

— Eu sou um homem velho.

— Pai! Tens 33 anos. Não és assim *tão* velho — disse ela, deixando-me perceber pelo tom que era *um bocado* velho.

— Obrigado. Assim está melhor? — Virei-me e estendi os braços, para lhe mostrar a nova versão da minha roupa de festa.

A Mariah abanou a cabeça.

— Não. Continua chato. — Lancei-lhe um olhar ameaçador. — Que é que foi? Tu perguntaste. Estou só a ser sincera. — Abriu um sorriso descarado. — Pareces o homem que veio ontem medir as janelas.

Gemi.

— Calma aí, o homem tinha uma grande barriga.

— Ou o homem que vendeu o carro novo à avó.

— O Fred Yaladoo? Esse tem uma grande barriga *e* é careca! Já chega! — Mergulhei para cima dela.

Ela guinchou e tentou fugir da cama, mas consegui agarrá-la e fazer-lhe cócegas naquele ponto atrás da orelha esquerda que a fazia sempre rir-se e contorcer-se.

— Não, não, desculpa — guinchou ela. — Retiro o que disse. És o pai mais bonito do mundo!

— Demasiado tarde.

A minha mãe apareceu à porta do quarto, de braços cruzados.

— Que raio se passa aqui?

Dei um toque à Mariah antes de a soltar.

— A minha filha diz que pareço o Fred Yaladoo.

Para me certificar de que ela não tinha razão, fui verificar a linha do meu cabelo no espelho. Felizmente, parecia bem. Talvez me

pudesse ter barbeado melhor, mas pronto. O Griffin e os rapazes não iam reparar no meu aspeto desleixado.

A Mariah saltou da cama e guardou alguma distância de mim.

— Não disse nada disso! Só disse que a roupa dele era chata.

A minha mãe examinou-me criticamente da ombreira da porta, com uma mão na anca.

— É isso que vais levar à festa?

Revirei os olhos, depois baixei-me e tirei os sapatos de cerimónia do armário.

— Sim. E vou sair agora, antes que a minha autoestima fique ainda pior.

— Bem, não te fazia mal aperltares-te um pouco — continuou a minha mãe, tomando a iniciativa de entrar no meu quarto e começar a arrumar as coisas em cima da cómoda.

Sentei-me na cama e calcei os sapatos.

— Mãe, para. Já não tenho 10 anos, não tens de me arrumar o quarto.

— Vives na minha casa, aturas a minha arrumação. — Recolheu algumas moedas e guardou-as numa tigelinha de barro pintado que a Mariah tinha feito na aula de trabalhos manuais no ano passado. — Se queres viver na bagunça, arranja uma casa para ti.

Eu e a Mariah trocámos um olhar de «já começou». A definição da minha mãe de bagunça não era igual à das outras pessoas. Migalhas, pó e tralha eram o inimigo. Quando eu era miúdo, raramente a via sem uma vassoura, o aspirador, um pano e um pulverizador na mão. Eu e o meu irmão mais velho, o Greg, tínhamos aprendido cedo que era preciso tirar os sapatos à porta, secar os salpicos imediatamente e fazer a cama de manhã, *ou íamos ver*. Costumávamos dizer, a brincar, que ela usava desinfetante das mãos como perfume. Dávamos-lho no Natal, embrulhado.

— Na verdade, tenho andado a pensar nisso — disse eu, atando os sapatos.

— Em arranjar uma casa para nós? — perguntou a Mariah, com a surpresa evidente na voz.

— Sim. — Endireitei-me e olhei para ela, tentando avaliar a sua reação. — Que te parece?

A Mariah mordeu a ponta do polegar.

— Onde é que ia ser?

— Não sei. Tínhamos de procurar. Tira o dedo da boca.

Ela obedeceu.

— Seria muito longe?

— Não necessariamente.

— Posso pensar melhor?

— Claro. — Eu compreendia a sua hesitação, ela nunca tinha conhecido outra casa além desta. Tínhamos vindo viver com a minha mãe logo depois de ela nascer, que era também o dia em que tínhamos perdido a Trisha.

— Não te preocupes, Mariah, eu vou lá fazer a limpeza — disse a minha mãe, usando o avental para limpar a moldura com a fotografia do meu casamento com a Trisha, antes de voltar a pousá-la, agora num ângulo ligeiramente diferente, em cima da cómoda.

— Não vai ser necessário, mãe.

— Tens a certeza? — Ela virou-se para me encarar. — Estás a pensar contratar uma governanta? E, já agora, uma *chef* pessoal e uma ama?

— Não.

— Quem é que vos vai fazer a comida?

— Eu.

— Tu não sabes cozinhar! E o teu horário de trabalho? Só chegas a casa depois das sete. O que é que a Mariah vai fazer depois da escola?

— Depois resolvo isso, mãe.

— Vou ter de ficar sozinha? — A voz da Mariah tremia.

— Claro que não — garanti-lhe.

— Eu vou lá depois da escola e faço-te o jantar, Mariah — disse a minha mãe. — Ou podes vir para aqui. Embora isso pareça uma tolice, se se vão mudar. Francamente, Cole, se não te vais casar outra vez, para que é que...

— Já chega, mãe. — Ansioso por evitar a mesma velha luta, especialmente diante da Mariah, aproximei-me da minha filha e puxei-lhe uma das tranças. — E tu, o que é que vais fazer esta noite?

A Mariah sorriu.

— A Cheyenne disse que eu podia ir a casa dela fazer manicura e pedicura e ver um filme.

— Ai é? — A Cheyenne é a irmã mais nova do Griffin. É educadora no infantário na escola primária da Mariah e voltou para casa da mãe, que fica ao lado da minha, há cerca de um ano e meio. Era maravilhosa para a Mariah, uma espécie de tia emprestada e irmã mais velha, tudo combinado.

Também é linda, tem um corpo de sonho e ultimamente não me sai da cabeça — e os meus pensamentos nem sempre eram decentes. Sentia-me um filho da mãe em relação a isso, e nunca passava à ação, mas, sinceramente, um serão tranquilo no sofá a ver um filme com a Cheyenne parecia muito melhor do que uma noite barulhenta no *pub*.

— A tia Blair também vai. — A Mariah inclinou a cabeça. — Achas bem que lhe chame tia, apesar de ela ainda não se ter casado com o tio Griffin?

— Sim. Aposto que ela até gosta.

Aproximei-me um pouco mais para examinar a cara em forma de coração da Mariah, que se assemelhava mais à da mãe a cada ano que passava, embora tivesse os meus olhos azuis e os meus cabelos castanho-claros.

— Comeste alguma coisa com chocolate à sobremesa?

Ela lambeu os lábios.

— Gelado de chocolate.

— Bem, agora tens um bigode de chocolate, como naquele livro que me obrigavas a ler todas as noites. Vai lavar a cara.

Rindo-se, ela tapou a boca com as mãos.

— Está bem.

Depois de ela sair, virei-me para a minha mãe.

— Ouve, não a assustes com a ideia de nos mudarmos. Ando a pensar nisso há algum tempo, e acho que chegou a hora. Ainda não resolvi todos os pormenores, mas estou a pedir o teu apoio.

Ela levantou as mãos.

— Claro que tens o meu apoio, querido. És sempre bem-vindo aqui, mas compreendo que queiras o teu espaço. Acho que é uma coisa boa. Um passo saudável na direção certa.

— Obrigado.

Ela sorriu, ajeitando o rolo de cabelo prateado atrás das orelhas.

— Agora, quanto a essa roupa...

— A minha roupa não está em discussão — disse eu, apagando a luz e encaminhando-me para a porta do quarto.

— Mas é uma festa — insisti eu, seguindo-me. — Que tal uma boa camisa e uma gravata?

Comecei a descer as escadas.

— Vou ter com os meus amigos ao *pub*, mãe, nada mais. Os mesmos tipos com quem ando desde a escola primária. Eles não se importam com o que tenho vestido.

— Mas também vão lá estar outras pessoas. Talvez conheças alguém novo.

Pronto, pensei. A verdadeira razão para ela se importar com o que visto — a «direção certa» de que falava.

A minha mãe, como quase todas as outras pessoas na minha vida, parecia empenhada numa espécie de demanda interminável para me convencer a encontrar uma mulher substituta. Por mais que eu dissesse que não estava interessado em voltar a casar, eles nunca desistiam.

— Estou bem sozinho, mãe — garanti, dirigindo-me à cozinha.

— Tu dizes isso, mas...

— Digo porque é verdade. — Verifiquei se tinha a carteira e o telemóvel nos bolsos e peguei nas chaves que estavam em cima da bancada. — Não percebo porque é que toda a gente pensa que sou infeliz sozinho. Não sou.

— Não é por pensarmos que és infeliz, querido. Só achamos que estás, sabes... — Procurou as palavras certas.

— Força, diz lá.

— Encalhado — disse ela, retorcendo as mãos.

Afastei as pernas, cruzando os braços diante do peito.

— Isso é ridículo — respondi.

— É? Há nove anos que não namoras com ninguém a sério, Cole.

— Porque não estou interessado em namorar a sério. Isso não quer dizer que esteja encalhado.

— Mas estás a *escolher* ficar sozinho.

— Estou a *escolher* ser um bom pai, presente para a minha filha.

— Há muitos pais solteiros que voltam a casar! Não achas que a Trisha quererá isso?

Baixei a voz.

— O que importa é o que a Mariah quer e não quer. Eu voltar a casar é algo que a assusta. Ela já foi bastante sincera acerca disso.

— A Mariah é uma criança. Sim, ela tem receio de te perder, mas vai resolver isso. Precisas de avançar, Cole.

Respirei fundo, como fazia de cada vez que a minha mãe ou qualquer outra pessoa tentava dizer-me o que é que a Trisha teria preferido, o que era melhor para a nossa filha ou o que eu precisava de fazer. Eu não tenho mau feitio, mas não gosto que me digam como viver a minha vida. Sou um homem crescido, e sei o que quero.

— Olha — disse eu. — Aprecio a tua preocupação, mas estás enganada: eu tenho avançado, mãe. Aceitei que estou solteiro, aceitei que vou criar a minha filha sozinho e aceitei que a vida nem sempre corre como planeamos. Agora tu também precisas de aceitar.

Ela abanou a cabeça.

— Nem sequer te dás a oportunidade de voltar a apaixonar-te.

— A verdade, mãe, é que isso nunca vai acontecer.

— Como é que podes ter tanta certeza?

— Porque um raio nunca cai duas vezes no mesmo sítio.

Uma batida na porta fez-nos saltar aos dois. Pelos vidros, vi a Cheyenne sorrir e acenar.

— Entra, querida — chamou a minha mãe.

A Cheyenne abriu a porta e entrou na cozinha. Uma brisa fresca entrou com ela, trazendo o cheiro de folhas mortas e madeira a arder, como se algum vizinho tivesse a lareira acesa. Tinha as bochechas rosadas do frio e o seu cabelo louro estava repuxado para trás e atado num rabo de cavalo, mas parecia que metade se tinha soltado com o vento e se espalhara sobre a cara dela.

— Olá — saudou, com vivacidade. — Vim só ver se a Mariah quer ir num instantinho comigo à loja e comprar uns petiscos para a nossa noite de raparigas.

— Oh, ela vai adorar — disse a minha mãe. — Eu vou buscá-la.

Então, quando ficámos sozinhos, a Cheyenne virou-se para mim com um sorriso no rosto.

— Como vai isso, Cole?

— Bem.

— Que se passa?

Abanei a cabeça e murmurei.

— É a minha mãe.

— Oh. — Ela levantou as mãos. — Acredita, eu percebo. Viver com a mãe depois dos 30 é uma forma especial de tortura.

— Vou mudar-me — anunciei, tomando a decisão final exatamente naquele momento.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Vais?

— Sim. Há algum tempo que penso nisso, mas sinto que chegou a hora. — Fiz uma pausa. — A Mariah não se importa.

— Achas que vais ficar por perto?

— Sim, a menos que peça transferência para outra esquadra, tenho de ficar. E não creio que a Mariah gostasse de mudar de escola e ficar longe dos amigos que sempre conheceu, e da família.

— Claro. — Ela suspirou. — Eu não vejo a hora de mudar. Mas jurei não o fazer enquanto não pagasse os empréstimos de estudante e a dívida do cartão de crédito.

— Isso é sensato. Quanto tempo vai demorar?

Ela encolheu os ombros e o casaco felpudo, cor de pêssego, descaiu-lhe para o lado, revelando algo rendado por baixo, que parecia uma blusa e um soutien ao mesmo tempo. Isso fez com que um pequeno choque elétrico de felicidade me chegasse à zona genital, e desviei imediatamente os olhos.

— Tinha feito planos para dois anos — continuou ela —, mas estou *muito* motivada, por isso talvez sejam só mais alguns meses. — Depois riu-se. — Adoro a minha mãe, mas ela dá comigo em doida.

— É como eu.

— Se ela não se metesse onde não é chamada, estava tudo bem.

— *Exatamente.*

— Tipo, eu até percebo, quando ela era da minha idade já tinha a vida toda organizada, o marido, a casa, os filhos, mas há quem ainda esteja a trabalhar nisso. Adiante. — Abanou a cabeça e sorriu-me. — Então, vais ao Bulldog, à festa do Griff?

— Sim. — Baixei o olhar para a minha roupa. — Embora a minha mãe e a minha filha tenham deixado bem claro que não estou vestido para a ocasião. Achas que estou bem?

— Sem dúvida. — Ela hesitou. — Se a ocasião for um torneio de golfe.

Gemi.

— A Mariah disse que eu parecia o Fred Yaldao.

A Cheyenne riu-se e os seus olhos iluminaram-se.

— Do *stand* de automóveis?

— Sim. Ela tem razão?

Em vez de responder, ela tapou a boca com os dedos e tentou, sem êxito, parar de se rir.

— É melhor não responder.

— Caraças, está bem. Vou mudar de roupa. Mas o que é que eu visto?

— Uma camisa diferente? Talvez uma de cerimónia. E talvez sem as calças caqui.

— Calças de fato?

— Talvez. Ou ganga escura. Depende da camisa que escolheres.

— Ainda bem que uso farda todos os dias. — Vi as horas. — Merda, já estou atrasado. Podes vir lá acima e escolher qualquer coisa do meu roupeiro?

Ela voltou a rir-se.

— Claro, se confias em mim.

— Confio. — Pousei outra vez as chaves na bancada, saí da cozinha e subi as escadas com ela atrás de mim, perguntando-me, tardiamente, se seria sensato levar a Cheyenne ao meu quarto. Já tinha sido difícil manter os meus pensamentos decentes na cozinha.

No corredor do andar de cima passámos pelo quarto da Mariah — que tinha sido do meu irmão Greg —, onde a minha mãe estava a convencê-la a vestir uma blusa que não tivesse manchas de gelado.

Abri a porta do meu quarto, acendi a luz do teto e aponte para o roupeiro.

— Camisas de cerimónia estão ali, ao lado das calças boas. Calças de ganga na cómoda, segunda gaveta a contar de baixo. — Depois sentei-me na cama, apoiando a cabeça nas mãos. — Boa sorte. A moda não é mesmo a minha área.

Ela deteve-se um momento à porta, quase como se tivesse medo de entrar. Olhou em volta rapidamente — do roupeiro para a cómoda, paredes e cama.

— Nunca tinha estado aqui. Está tão limpo.

— Regras da casa.

Dando alguns passos hesitantes para dentro do quarto, cheirou o ar.

— Até cheira bem. O quarto do Griffin tinha sempre um cheiro horrível.

Ri-me.

— O meu devia cheirar tão mal como o dele quando era adolescente. A minha mãe estava sempre aqui a fumigá-lo.

Sorrindo, foi ao roupeiro e passou as camisas em revista, chocalhando os cabides de plástico à medida que os deslizava no varão de madeira.

— Que tal esta?

Olhei e vi que ela segurava uma camisa com um padrão de xadrez azul-marinho e azul-escuro.

— Pode ser.

— As cores condizem com os teus olhos. — Fechou a porta do armário e entregou-me a camisa, ainda no cabide. — Tens uns olhos tão bonitos.

Olhei-a e fiquei com um elogio preso na garganta — *também gosto dos teus olhos*. Eram grandes e castanhos, salpicados de dourado, emoldurados por espessas pestanas pretas. Mas quando peguei na camisa apenas disse:

— Obrigado.

— De nada. — Ela dirigiu-me um leve sorriso antes de se virar para a cómoda e abrir a segunda gaveta. — Calças de ganga vão melhor com essa. A ganga mais escura que tiveres.

— Acho que tenho umas aí.

Baixando-se, ela procurou na pilha de calças de ganga. Observei-a, deixando os meus olhos deambularem pelas suas curvas. Como tinha acontecido na cozinha, senti uma onda de excitação. Mas, desta vez, não desviei o olhar. Ao invés, dei por mim a perguntar-me o que ela faria se eu estendesse os braços e pusesse as mãos nas suas ancas. Se a puxasse para o meu colo. Enterrasse a cara no seu pescoço. Pusesse as mãos dentro da sua camisola. A Cheyenne tinha o tipo de corpo que se pode passar horas a explorar — uma pessoa podia perder-se e não voltar a encontrar-se.

Antes de conseguir impedir-me, a protuberância nas minhas calças cresceu para uma ereção completa, e eu sabia que não podia levantar-me sem que o vulto fosse óbvio nas minhas calças de caqui.

Por vezes — embora só por vezes —, ser bem-dotado não era uma benesse.

— Aqui está. Estas são perfeitas.

A Cheyenne endireitou-se e atirou um par de calças dobradas para cima da cama.

— Obrigado — disse eu inclinando-me para a frente, de modo a pousar os cotovelos nos joelhos, escondendo a zona genital.

— Os sapatos estão bem. Tens um cinto de couro castanho-escuro?

— Estou a usá-lo.

— Posso ver?

— Não.

Ligeiramente abalada, ela insistiu.

— Deve servir. Só quero vê-lo para ter a certeza.

— Pois, mas não podes.

Ela revirou os olhos.

— Cole, vá lá.

— Não.

— Estás a ser parvo. Porque é que não posso ver o cinto? — Rindo, ela segurou-me o braço e tentou levantar-me, mas eu puxei o braço com força e desequilibrei-a.

— Oh! — gritou ela, quando o seu corpo chocou com o meu com tanta força que me atirou para trás.

Ela acabou estendida em cima de mim e o instinto dominou-me — virei-a de costas e segurei-lhe os pulsos de encontro ao colchão, o meu pénis encostado à sua coxa. Não havia maneira de disfarçar o que ela estava a causar-me.

Os nossos olhos encontraram-se.

— Oh — disse ela outra vez, agora mais baixinho. Quase perdi a cabeça e a beijei. Em vez disso, saltei da cama e recuei até me encostar à cómoda.

— Então? Que tal é o cinto?

Ela sentou-se na cama e arregalou os olhos.

— Hum. É grande.

Quase sorri.

— É o quê?

Então ela entrou em pânico e ficou com as bochechas escarlates.

— Quero dizer, é perfeito. *O cinto*. O cinto é perfeito para a roupa.

— Saltou da cama, dirigiu-se à primeira porta que viu e abriu-a. — Vou só buscar a Mariah e vamo-nos embora.

Mas abriu por engano a porta do roupeiro, e em vão tentou sair por uma fila de camisas penduradas.

— Do outro lado — disse-lhe eu, apontando o corredor.

— Pois é — disse ela, saindo em linha reta, sem sequer me olhar.

— OK, tem uma boa noite. Adeus.

Quando ela saiu, fechei a porta e encostei-me a ela, passando uma mão pelo queixo e tentando não me rir.

Merda. Nunca mais podia convidar a Cheyenne Dempsey para o meu quarto.

Anos antes, na escola secundária, o Griffin obrigara os seus três melhores amigos — eu, o Enzo Moretti e o Beckett Weaver — a prometer que não punham as mãos na irmã dele. Provavelmente já se tinha esquecido disso, mas eu não. E sempre tinha sido um homem de palavra, mas... merda.

Merda.

Enquanto trocava de roupa com o irresistível aroma da Cheyenne pairando no quarto e a memória da sensação do corpo dela debaixo do meu, não pude deixar de me perguntar se existiria um prazo de prescrição da promessa que tinha feito.

Quero dizer... aqueles olhos. Aquelas curvas.

Mas... *merda.*

Dois

Cheyenne

— **T**enho a certeza — sussurrei freneticamente para a Blair na cozinha. — *Senti-o*. Depois olhei diretamente para ele. E disse: «Hum, é grande.» Depois tentei fugir pelo *roupeiro*. — Estremecendo, abanei a cabeça. — Foi tão embaraçoso!

— De certeza que ele estava mais embaraçado do que tu. — A Blair riu-se, despejando um grande saco de batatas fritas *barbecue* numa tigela. — O que é que ele disse?

— Nada! — Servi duas taças de *Pinot Grigio* e pus alguns cubos de gelo num copo alto para a Mariah, que nos esperava na salinha. — Que raio podia ele dizer?

— O que é que tu fizeste para o excitar?

— Não faço ideia. — Tirei um jarro de limonada do frigorífico e servi-a no copo alto. — Escolhi-lhe a roupa? Elogiei-lhe os olhos? Dobrei-me em frente dele?

A Blair comeu uma batata frita.

— Essas calças ficam-te mesmo bem.

— Achas? — Espreitei para o meu rabo, o ponto onde se acumulava cada um dos cinco quilos que andava sempre a tentar perder. Oito, na verdade.

— Sem dúvida — disse ela.

Peguei numa segunda tigela e despejei lá para dentro um saco de *Skinny Pop*.

— Ainda estava a tentar ultrapassar o choque de ele me ter convidado a subir até ao quarto. Foi como a realização da maior fantasia da minha vida. Só que havia uma fotografia do casamento dele com a Trisha em cima da cómoda.

A Blair mostrou-se surpreendida.

— Ainda?

Comi algumas pipocas.

— Já te contei que na noite do casamento dele chorei até adormecer?

— Caramba, a sério?

— Sim. Eu já estava fora, na faculdade, quase há um ano. Tinha finalmente perdido a virgindade com um idiota qualquer do dormitório que era vagamente parecido com o Cole, mas que afinal não tinha nada da sua bondade ou integridade. Adiante, eu tinha 19 anos e pensava ter esquecido para sempre o Cole Mitchell. Depois vi-o diante do altar com um fato preto, de lágrimas nos olhos ao ver a Trisha a avançar para ele, e a realidade bateu-me: *nunca* iria esquecê-lo. E ele nunca seria meu. Fiquei o máximo de tempo que podia na cerimónia, depois vim para casa e chorei baba e ranho.

— Estás a dar cabo de mim. — A Blair comeu outra batata frita. — Com quantos tipos namoraste porque te lembravam o Cole?

— Argh. Demasiados. — Meti mais umas pipocas na boca. — E revelaram-se todos umas bestas.

— Talvez devesse namorar antes com o *oposto* dele.

— Também já fiz isso — contei. — Acredita, tentei tudo. Namorei com muitos rapazes. Uma ou duas vezes até julguei estar apaixonada. Mas, lá no fundo, o meu coração foi sempre secreta e obstinadamente leal ao Cole. Continuo à espera de sentir o *mesmo* por outra pessoa. Porque... não devia ser assim? Não devia o tipo com quem estou deixar-me com pele de galinha e fazer disparar o meu coração? Se não for assim, para que é que serve?

A Blair suspirou.

— Acho que tens razão. Quem me dera que ele abrisse os olhos e visse como vocês podiam ser fantásticos juntos.

— Ah! Sabes quantas vezes desejei isso? A cada primeira estrela no céu, cada vela de aniversário que soprei, cada moeda que atirei para uma fonte. — Comi mais um punhado de pipocas. — Mas não resulta. Sinto que existe... um buraco com a forma da Trisha na vida dele, e eu nunca vou encaixar nesse lugar. — Espreitei outra vez para o meu traseiro. — Acho que o meu rabo é demasiado grande.

— Oh, céus! — Ela revirou os olhos. — Não é isso.

— Então é o quê?

— Não sei bem. — Ela bebeu um pouco de vinho. — A Trisha morreu há oito anos, não foi?

— Nove. Teve uma hemorragia grave depois do rompimento da placenta quando a Mariah nasceu. — Falei baixinho, para a menina não me ouvir.

— Caramba, isso é tão triste. — A Blair pegou no copo de vinho e bebeu um pouco. — Mas nove anos é muito tempo. Achas que ele foi celibatário este tempo todo?

— Não faço ideia. Mas esta cidade é tão pequena e ele é tão conhecido, sendo polícia, que julgo que haveria rumores se dormisse com alguém. Nunca ouvi dizer nada. Acho que é demasiado cavalheiro.

— Bem, sabemos que ainda é capaz — disse a Blair com um sorriso. — Pelo menos, a julgar pela protuberância nas calças.

Gemendo, fechei os olhos.

— Para. Sabes, por um momento pensei mesmo que ele ia tentar beijar-me.

— Talvez fosse. É óbvio que se sente atraído por ti, Cheyenne.

— Não sei — disse eu, com muitas dúvidas. — Afinal, porque haveria de me querer? Pode ter qualquer uma.

A Blair mastigou ruidosamente uma batata.

— Nem vou responder a isso.

Levámos a comida e as bebidas para a salinha, onde já tínhamos instalado estações de manicura-pedicura e máscaras faciais e tínhamos o filme *Grease*, que eu obtivera permissão para mostrar à Mariah. Enquanto passavam os créditos de abertura, espalhámos na cara uma

máscara caseira de banana, sumo de laranja e mel. Ao som de *Summer Loving*, pintei as unhas dos pés da Mariah. Enquanto ela retribuía o favor limando as unhas da minha mão direita, fui bebendo vinho e apiedando-me da Sandy, que entoava *Hopelessly Devoted to You*. Quando começou a ouvir-se *Hand Jive*, eu e a Blair pusemo-nos de pé de um salto e começámos a dançar.

— Bolas, quantas vezes é que vocês *viram* isto? — perguntou a Mariah com incredulidade.

— Muitas — disse eu, rindo-me sem fôlego. — É viciante. Vais ver.

Quando o filme acabou, já não havia petiscos, a garrafa de vinho estava vazia e a Mariah bocejava.

— Já te levo a casa, está bem? — disse-lhe. — Vê se encontras os teus chinelos. Devem estar debaixo do sofá.

— Está bem.

A Blair deu-lhe um abraço.

— Até breve, querida.

Levei a Blair à porta.

— Obrigada por teres vindo.

— De nada! Obrigada por seres a anfitriã da minha louca noite de despedida de solteira. — Rindo-se, ela tirou as chaves da mala. — Achas que os rapazes ainda estão no *pub*?

— Provavelmente. Ainda são só onze horas.

A Blair revirou os olhos.

— Eu sei, mas aqueles quatro parecem velhotes. Falam muito, mas as suas noites de rapazes normalmente acabam muito antes da meia-noite.

Ri-me.

— O Moretti e o Beckett vão levar companhia para o casamento? — Além do Cole, estes eram os dois melhores amigos do Griffin, e eram os padrinhos.

— Que eu saiba, não. E se levarem, é melhor que me avisem, porque o casamento é daqui a duas semanas e tenho de terminar o mapa

das mesas. — Encolheu os ombros. — Mas é difícil, sabes? A não ser que já estejas a sair com alguém, não podes levá-la a um casamento fora da cidade, sobretudo se fores padrinho.

— Pois é. — O Griffin e a Blair iam casar-se em Cloverleigh Farms, que fica a cerca de três horas de Bellamy Creek.

— Mas haverá lá algumas raparigas solteiras. Talvez um deles encontre a sua alma gémea. — Ela deu-me uma palmadinha no ombro. — Ou talvez tu encontres.

Suspirei.

— Já me contentava com alguém com quem dançar.

— Alguém com ombros largos, penetrantes olhos azuis e um grande pénis?

— Chiu! — Olhei para trás de mim, temendo que a Mariah tivesse saído da sala.

— Vais ter essa dança. Porque és a madrinha e ele é o padrinho. A dança da boda.

— Não é o mesmo que ser convidada para dançar, Blair.

— Então convida-o.

— Não posso fazer isso!

Ela revirou os olhos.

— Claro que podes, Chey. Um destes dias terás de ser corajosa e revelar-lhe os teus sentimentos. Ou isso, ou ficas a ansiar por ele o resto da vida.

— Pelo menos, mantenho a dignidade.

— Talvez a tua dignidade não te mantenha quente à noite, não é? — Pôs-se em bicos de pés e deu-me um abraço. — Vemo-nos na quinta-feira, mas tenho a certeza de que falamos antes disso.

— Está bem. — Quinta-feira era dia de Ação de Graças e eu e a minha mãe íamos celebrá-la em nossa casa. Seria um jantar com poucas pessoas: só o Griffin e a Blair, o Cole, a Mariah e a Sra. Mitchell, eu e a minha mãe, mas estava ansiosa pelo fim-de-semana prolongado e por cozinhar uma grande refeição tradicional. Adorava cozinhar. — Boa noite. Conduz com cuidado.

— Boa noite.

Fiquei a observar a Blair, que caminhou apressadamente na noite escura e fria, se sentou ao volante, me acenou e arrancou com o carro. Ela e o Griffin tinham tanta sorte por se terem encontrado. Era uma história fantástica — mecânico obstinadamente solteiro apaixonado-se por mulher bonita perdida na sua cidadezinha. Era digna de um filme.

E eu também me sentia com sorte, por nós as duas nos darmos tão bem. Nenhuma de nós tinha uma irmã — eu só tinha um irmão e a Blair era filha única —, por isso era divertido viver, finalmente, esse género de relação estreita. Quando ela me convidou para sua madrinha, fiquei tão comovida que até chorei.

Depois de a luz dos faróis desaparecer, voltei à sala, onde a Mariah já descobrira os chinelos e estava a puxar o fecho-éclair do casaco de capuz.

— Pronta para ir? — perguntei.

— Sim. Foi tão divertido — disse ela, admirando as unhas dos pés pintadas de azul-vivo. — Podemos fazer isto outra vez um dia destes?

— Claro que sim.

— E ver outra vez o *Grease*?

Sorri, cingindo mais o casaco.

— Tu já sabes. Eu e o *Grease* combinamos como *rama-lama-lama, ka-dinga-da-dinga-dong*.

Ela ainda gargalhava quando saímos para a rua.

— Qual é a tua personagem favorita?

— Hum. Acho que é a Sandy. Identifico-me com ela. — Olhei-a enquanto atravessávamos o relvado no escuro. — E a tua?

— Gostei da Frenchy. Achas que o meu pai me deixava pintar o cabelo de cor-de-rosa?

— Hum... não.

A Sra. Mitchell tinha dito que deixava a porta das traseiras aberta, e eu e a Mariah subíamos a rampa de entrada quando fomos iluminadas por uns faróis atrás de nós. Saímos rapidamente do caminho e subimos para o alpendre.

— O teu pai chegou — disse eu, vendo-o entrar na garagem ao fundo do pátio. — Queres esperar por ele?

— Sim. — Ela virou-se e apanhou-me a respirar para a palma da mão para sentir o meu hálito. — Que estás a fazer?

— Nada — respondi rapidamente, sorrindo para o Cole, que se aproximava, deixando a porta da garagem a fechar-se sozinha.

— Olá — disse ele.

— Olá. — As borboletas levantaram voo dentro da minha barriga, recordando-me da forma como ele me lançara para debaixo do seu corpo e me prendera à cama. — Chegaste cedo.

Ele acenou, subindo lentamente os degraus do alpendre.

— Divertiram-se?

— Sim — respondeu a Mariah. — Olha as minhas unhas. Não estão giras? — Levantou um pé.

— Hum, azul? — Ele riu-se e abanou a cabeça, como se as raparigas fossem um mistério para ele.

— Posso pintar o cabelo de cor-de-rosa?

— Não. O que é que se diz à Cheyenne?

A Mariah enrolou os braços na minha cintura e apertou.

— Obrigada, Cheyenne.

Abracei-a.

— De nada, querida. Vamos repetir em breve, está bem?

— Está bem.

O Cole abriu a porta e a Mariah entrou antes dele.

— Vai lavar os dentes. Daqui a bocadinho já te vou tapar.

— Pode ser a Cheyenne a tapar-me esta noite, pai? — perguntou a Mariah.

— Esta noite não, amendoim. Já é tarde.

— Por favor? — pediu ela, entrelaçando as mãos debaixo do queixo.

— Não me importo — disse eu.

O Cole olhou-me.

— Tens a certeza?

— Claro.

— Está bem. — Olhou para a filha. — Mas não percas tempo. Sobe, veste o pijama, lava os dentes e vai para a cama. E não faças barulho, para não acordar a avó.

— Está bem — disse ela, correndo para dentro de casa.

O Cole segurou-me a porta e eu entrei na cozinha, com o coração a bater descontroladamente. A divisão estava sombria e íntima, iluminada apenas pela minúscula luz do forno. O zumbido do frigorífico era muito audível.

— Que tal foi a festa? — perguntei baixinho.

Ele fechou a porta atrás de nós.

— Foi boa. Passei o tempo praticamente a jogar às setas com o Beckett, enquanto o Moretti namoriscava com uma empregada e o Griffin pedia às pessoas para pararem de lhe pagar *shots*.

— Espero que ele não tenha ido a conduzir para casa. — Segui o Cole para a parte da frente da casa, onde ele tirou o casaco e o pendurou no armário do vestíbulo.

— Não. O Beckett ia levá-lo. — Fechou a porta do armário e virou-se para mim. — Obrigado por teres ficado com a Mariah esta noite.

— Foi com todo o gosto.

— Estou mesmo agradecido pelo tempo que passas com ela. — Olhou para o cimo das escadas. — Acho que ela precisa disso. Especialmente agora, que está a crescer. Só te digo isto... tenho pavor da puberdade.

— Não te preocupes. Estarei sempre disponível para ela. Onde quer que vivas.

— Obrigado — disse ele, com voz baixa e rouca. Aproximou-se de mim. — Estou-te grato, Cheyenne. Espero que saibas disso. — Entreabri os lábios. — E ouve — prosseguiu ele. — Em relação ao que aconteceu antes, no meu quarto...

— Já estou pronta — sussurrou a Mariah do cimo das escadas, quebrando o encantamento.

O Cole pigarreou e deu um passo atrás. Com o coração a bater como ondas do mar no meu peito, subi os degraus, agarrando-me

ao corrimão para me equilibrar. O que é que ele me ia dizer? Segui a Mariah até ao seu quarto e, depois de ela deslizar para debaixo de um edredão amarelo coberto de margaridas, fui sentar-me na ponta da cama. O candeeiro da mesa de cabeceira estava aceso e vi uma fotografia da Trisha ao lado do relógio. Era um grande plano do seu rosto sorridente, uma mulher que irradiava felicidade, o género de brilho que não se conseguia com bananas esmagadas.

A Mariah viu-me a olhar.

— É a minha mãe — disse.

Sorri para a menina.

— Eu sei.

— Eras amiga dela?

Abanei a cabeça.

— Não propriamente. Ela andava três anos à minha frente na escola e tinha outro grupo de amigas. Mas via-a muito, porque ela saía com o teu pai e com o Griffin. E foi sempre simpática comigo.

— Achas que sou parecida com ela? — perguntou, relanceando a foto.

— Sim, acho. E isso é bom, porque ela era muito bonita. Embora a aparência não seja a coisa mais importante numa rapariga — acrescentei rapidamente, tentando percorrer de improviso aquele caminho acidentado. Todas as raparigas se queriam sentir bonitas, afinal. Então, como é que eu lhe assegurava que o era, sem fazer com que isso parecesse demasiado importante? — A bondade é mais importante. E a tua mãe era muito bondosa.

— Nunca a conheci.

O meu coração doeu.

— Bem, se alguma vez quiseres falar acerca dela, eu estou aqui. Também sinto muito a falta do meu pai, e por vezes falar dele ajuda.

— Obrigada. — Enfiou um cão de peluche debaixo do braço. Estava esfarrapado, com o pelo todo emaranhado.

Estendi a mão para apagar a luz do candeeiro, depois fiz-lhe uma festinha na testa.

— Bons sonhos, miúda.

— Bons sonhos — repetiu ela.

Levantei-me e virei-me, surpreendida por ver a silhueta alta do Cole na ombreira da porta.

— Oh. Não sabia que estavas aí — sussurrei.

— Cheguei agora mesmo — disse ele baixinho, passando por mim. — Espera por mim lá em baixo. Eu levo-te a casa.

— Não é preciso — disse eu. — Moro na porta ao lado.

— Mas eu quero. — Tocou-me no braço. — Espera por mim, sim?

— Está bem. — A minha pulsação disparou um bocadinho enquanto descia as escadas, embora soubesse que a sua insistência em me levar a casa tinha mais que ver com a sua tendência protetora de agente da polícia do que com quaisquer sentimentos românticos que nutrisse por mim.

Mesmo assim, desci as escadas e entrei na casa de banho. Verifiquei o cabelo e os dentes ao espelho, refiz o rabo de cavalo e franzi o nariz para a minha pele, que não estava mais radiosa do que ontem. *Que desperdício de três bananas perfeitamente boas, pensei. Mais valia ter feito um bolo de banana esta manhã.*

Quando saí da casa de banho, o Cole estava a descer as escadas, que rangiam sob os seus pés.

— Pronta? — Abriu a porta da frente.

— Sim.

Descemos os degraus do alpendre e caminhámos lado a lado até ao caminho fronteiro, e eu fiz questão de ser um bocadinho mais lenta do que era necessário, lamentando não viver algumas casas mais abaixo em vez de logo na casa ao lado. A nossa respiração criava nuvens fofas no ar da noite.

— Ouve, peço desculpa pelo que aconteceu. No meu quarto. Eu não devia ter-te agarrado daquela maneira — disse ele, relanceando-me.

— Não faz mal. — Queria manter as coisas ligeiras. — Acho que eu estava a levar o papel de tua estilista pessoal um pouco a sério demais.

— Talvez um pouco — disse ele, a rir-se.

— Então, divertiste-te esta noite?

Ele encolheu os ombros, enquanto virávamos para o passeio entre as nossas casas.

— Acho que sim.

— Isso não é muito convincente.

— As despedidas de solteiro não são mesmo a minha cena.

— Tiveste uma quando te casaste?

— Devo ter tido. É mau sinal o facto de não me lembrar?

Ri-me.

— Não faz mal. Tipos como tu e o Griffin, que querem mesmo casar-se, provavelmente nem precisam de despedidas de solteiro. Parece uma tradição antiquada.

— Concordo. — Olhou-me quando começámos a subir o caminho para casa da minha mãe. — Tu queres casar-te?

Oh, meu Deus, sim!, gritou a minha adolescente interior. *Pensei que nunca mais me perguntavas!*

— Um dia — respondi. — Se encontrar a pessoa certa. Gostava mesmo de ter filhos.

— E deves. Vais ser uma ótima mãe.

— Obrigada. — Apesar do ar gelado, senti calor nas bochechas. — O Griffin e a Blair tiveram tanta *sorte* por se conhecerem — disse, quando chegámos aos degraus do alpendre da minha mãe. — Virei-me para o olhar e disse, quase sem pensar: — Não me interpretes mal, mas às vezes tenho inveja deles. — Ele enfiou as mãos nos bolsos. — Não é que me ressinta da felicidade deles — atalhei apressadamente. — Mas às vezes parece que o amor é só um jogo de probabilidades, percebes? Algumas pessoas têm sorte, outras não. E acho que estou destinada a ser uma das azarentas.

Ele examinou-me por um momento, depois abanou a cabeça.

— Não, não acho que isso seja verdade.

— Não? — Uma rajada de vento fez voar as folhas aos nossos pés. — Então como é que eu tenho 30 anos e ainda não o encontrei?

Ele olhou para a rua.

— Não estou a dizer que seja fácil de encontrar. E há, decerto, uma série de tipos idiotas que não o conseguem ver mesmo à frente do nariz; se bem que, a maioria deles, também não o merecia. — Os seus olhos encontraram novamente os meus. — Mas não desistas... vale a pena esperar. — Fui percorrida por um arrepio e abracei-me a mim mesma. — Tens frio. É melhor entrares.

— Estou bem — disse eu, pensando que era capaz de ficar ali, de baixo das estrelas, toda a noite, a conversar com ele, fosse qual fosse a temperatura. — Gostava que entrasses e dissesses isso tudo à minha mãe. Ela acha que ainda estou solteira porque sou demasiado esquisita ou não estou a fazer esforço suficiente. Como se a minha alma gémea estivesse mesmo ali na prateleira de cima e não me apetecesse ir buscar o escadote.

— Sim, a minha mãe também me chateia por continuar solteiro. Acha que eu não volto a casar-me porque me recuso a avançar depois da Trisha. Mas não é nada disso. — Coçou a nuca. — E, francamente, os meus amigos conseguem ser tão maus como ela; passam o tempo a chamar-me monge e a dizerem-me que tenho de voltar a namorar. Mas não sabem o que é ser pai solteiro, criar uma filha que nunca conheceu a mãe. Amá-la o suficiente por dois. Garantir que ela está segura, saudável e feliz, a sair-se bem na escola e que tem bastantes amigos e atenção suficiente e chega a horas ao treino de futebol, ou aos escuteiros, ou às aulas de patinagem no gelo, ou à psicóloga, ao mesmo tempo que se tem um emprego a tempo inteiro com turnos de 12 horas. E, além disso, ter de lhe assegurar constantemente que nunca me vai perder.

— Lamento muito — disse baixinho. Estava com o coração apertado por ele. — Isso deve ser...

— Eles pensam que não me sinto sozinho por vezes? Claro que sinto. Pensam que não sinto falta de sexo? Claro que sinto. Pensam que é fácil fingir que não preciso ou não quero, tanto quanto eles? Porque não é. — Os olhos dele estavam presos nos meus, refulgindo como chamas no escuro. — O caraças é que é. Mas estou a tentar

fazer o que está certo. — Abri a boca, mas não saiu nada. As palavras dele tinham-me tirado o fôlego. Ele tapou a cara. — Merda. Desculpa, Cheyenne. Não precisavas de ouvir isto tudo. Não sei o que se passa comigo esta noite.

— Não peças desculpa. — Consegui fazer um sorriso. — És apenas humano, agente Mitchell. Podes *parecer* um super-herói, especialmente de farda, mas por baixo dela és um simples mortal como todos nós. Podes admiti-lo. E podes sempre falar comigo.

Olhou para mim de esguelha e sorriu, e eu voltei a ver outra vez o adolescente por quem me apaixonei.

— Obrigado.

— De nada.

O Cole olhou para trás.

— Tenho de voltar.

— Está bem. — Impulsivamente, avancei e dei-lhe um abraço, sustentando a respiração enquanto me punha em bicos de pés e enrolava os braços no seu pescoço.

Ao princípio, ele pareceu um pouco surpreendido, mas depois abraçou-me e eu deixei que me apertasse por alguns segundos e apenas respirei — inalando o cheiro da sua colónia e talvez um bocadinho de amaciador de roupa ou goma da camisa que usava por baixo. Relutante em soltar-me, perguntei-me o que lhe iria na cabeça enquanto os nossos peitos estavam encostados.

— Cheira-me a banana — disse ele, respondendo à minha pergunta. — É o teu perfume?

Rindo-me, soltei-o e apertei o casaco.

— Não. Havia banana esmagada na máscara que apliquei. Era para pôr a minha pele a brilhar. Resultou?

Ele riu-se.

— Não sei. Mas estás bonita, como sempre.

As minhas faces aqueceram.

— Obrigada.

— De nada.

— E obrigada por me trazeres a casa. — Ri-me, embaraçada, remexendo no cabelo. — Ao dizer isto, parece que tenho 13 anos.

Ele inclinou a cabeça.

— Eu acompanhei-te a casa quando tinhas 13 anos?

— Só nos meus sonhos. — Pus imediatamente as mãos sobre as minhas bochechas quentes. — Oh, meu Deus. Esquece que eu disse isto.

Ele riu-se.

— Porquê?

— Porque é embaraçoso! Não devias saber do meu triste fraquinho adolescente por ti. — *Bolas, Cheyenne! Cala-te, cala-te, cala-te!*

— Bem, sinto-me lisonjeado. E guardo o teu segredo, se tu guardares o meu.

— Qual segredo?

— Aquele acerca de eu ser um simples mortal.

— Oh, claro. — Fingi que trancava os lábios e deitava fora a chave. Sorrindo, ele deu alguns passos atrás.

— Ter-te-ia acompanhado a casa nessa altura, se soubesse.

— Mentiroso. — Mas também lhe sorri, com o coração prestes a explodir.

— Boa noite, Cheyenne.

— Boa noite. — Fiquei a vê-lo virar-se e atravessar o relvado, depois subi os degraus do alpendre e entrei em casa. Lá em cima, vesti o pijama, lavei a cara, tomei a pílula e escovei os dentes antes de me enfiar debaixo dos cobertores da mesma cama onde dormia quando era uma adolescente doente de amor, sonhando com o dia em que o vizinho do lado olharia finalmente para mim de uma maneira diferente. Seria possível que esse dia ainda chegasse?

Ontem teria dito que não havia qualquer possibilidade.

Mas esta noite... esta noite fazia-me ter esperança.

ELA SEMPRE O QUIS. ELE NUNCA REPAROU. ATÉ AGORA.

Cole Mitchell não está interessado numa relação. Depois de ter perdido a mulher durante o nascimento da filha, dedicou-se à educação de Mariah e ao seu trabalho como polícia, nunca acreditando que voltaria a apaixonar-se. Nem mesmo por Cheyenne, a irmã de Griffin, o seu melhor amigo, que vive na casa ao lado e que, ultimamente, lhe tem provocado sensações que ele há muito esquecera.

Desde adolescente que Cheyenne alimenta uma paixão secreta por Cole. Ele é tudo o que ela sempre desejou: um homem protetor e dedicado, sempre pronto a ajudar o próximo, além de ser lindo de morrer. Cheyenne já devia ter ultrapassado este sentimento, mas uma noite, depois de um copo de vinho a mais, escreve-lhe uma mensagem sensual e muito descritiva que acaba por enviar sem querer. Só não esperava que ele respondesse quase de imediato, pedindo-lhe para continuar.

Depois disso, nada volta a ser igual. A atração entre ambos é inegável, mas Cheyenne quer mais do que um caso passageiro. E Cole terá de decidir se vale a pena arriscar e voltar a abrir o seu coração.

Não perca,
da mesma autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Romance Erótico

 penguinlivros.pt

  topseller.editora

ISBN 9789896237172



9 789896 237172 >